

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-FACE
CURSO DE HISTÓRIA
PROFESSOR: RUBENS CÂMARA DE CARVALHO FILHO

**PRODUÇÃO HISTÓRICA
SOBRE O CENTENÁRIO DE
RESISTÊNCIA E DESTRUIÇÃO DA
REVOLTA DE CANUDOS: ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA**

Autora: Annie Moreira Gomes

2º semestre 2005

Agradeço a Deus pela luz e força, em seguida aos meus familiares, que me motivaram estando ao meu lado, estimulando-me para realização de mais uma etapa da minha vida. Ao meu namorado, Euzébio Nunes, pela compreensão com minhas ausências e minhas angústias. Aos amigos que puderam colaborar com materiais para essa pesquisa, em especial, meu professor e orientador Rubens Câmara pela atenção e direcionamento que me foi dada.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I	
A Importância de uma reflexão historiográfica	02
Capítulo II	
Análise da historiografia já existente sobre Canudos	08
Capítulo III	
Interpretações que surgiram com as comemorações dos cem anos de destruição do arraial de Canudos	23
Conclusão	37
Bibliografia	40

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objeto de estudo, a análise da historiografia brasileira a respeito das comemorações do centenário de resistência e destruição da revolta de Canudos, pelas obras de Ataliba Nogueira, Walnice Nogueira Galvão, Vicente Dobroruka, Frederico Pernambucano de Mello, entre outros autores, situando novas visões sobre o acontecimento.

Uma série de crises de ordem econômica, ideológica e política, expressas em rebeliões espalhadas em vastas áreas do interior do Brasil, abrangendo milhares de camponeses, é a característica principal do período de transição que compreende o final do século XIX. É nesse contexto que se desenvolve uma das páginas da história do Brasil: A guerra de Canudos.

No primeiro capítulo, apresentaremos um esboço da historiografia brasileira no decorrer dos anos. A importância de sua reflexão para os estudos históricos e para compreender a história, e como ela pode ser vista atualmente no que se refere às suas sub-especialidades.

No segundo capítulo, abordaremos a visão de alguns autores do início do século XX. Mostrando diversas memórias que foram sendo construídas sobre Canudos ao longo desses muitos anos.

Após um século de seu acontecimento, a revolta de Canudos continuou estimulando discussões e requisitando novas interpretações. Nesse contexto, o terceiro capítulo se apresenta no sentido de mostrar as novas interpretações que foram dadas ao fato.

A sobrevivência e o interesse que o tema desperta mostra o dinamismo que contém a história desses grupos capazes de mobilizar o interesse de muita gente, desafiando o tempo.

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DE UMA REFLEXÃO HISTORIOGRAFICA

“ O conhecimento histórico é o registro inteligente que o historiador procura fazer para compreender aquela realidade. A Historiografia, é justamente o conhecimento crítico dessa representação e do processo que a determinou.”¹ Assim coloca José Roberto do Amaral Lapa, em sua obra *A História em questão: Historiografia Brasileira Contemporânea*. Desta forma entende-se então que a historiografia é a análise crítica do conhecimento histórico.

Atualmente os estudos historiográficos tornam-se comuns. “ Essas obras são úteis, pois dão uma imagem do conjunto que permite apreender a realidade, quanto foi feito e o muito que há para ser feito.”²

“Uma das características crescentes da historiografia moderna é que ela tem passado a ser vista sobre um campo fragmentado, subdividido.”³ Enquanto que por volta do início do século XIX a historiografia era apresentada de uma forma mais homogênea.

Esse campo historiográfico divide-se em várias modalidades ou sub-especialidades, como História Cultural, das Mentalidades, Política, Social, Econômica, dentre outras. Porém muitas vezes, um trabalho historiográfico não está dentro de apenas um destes campos. Situa-se na verdade em uma interconexão de modalidades.

¹LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.p.18.

² IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.p. 58.

³ BARROS, José D Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004.p.09.

Contudo, essas classificações não podem ser entendidas como limites para o isolamento. “Definir o ambiente intradisciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarado como um esforço de autoconhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos, e não como uma profissão de fé no isolamento intradisciplinar.”⁴

Dentre as subdivisões pertencentes a história, enquadraremos a nossa pesquisa na História Social. Entendendo que o objeto de estudo desse campo historiográfico seria uma história das grandes massas ou uma história dos grupos sociais de várias espécies.

No século XIX, os historiadores dedicavam a maior parte dos seus estudos a um pequeno traço da dimensão política. Marx e Engels começaram então a prestar atenção em outras dimensões como a Econômica e a Social. Já no século XX, com a nova historiografia, as ideologias e os movimentos sociais e políticos, os estudos sobre as dimensões econômicas e sociais ganharam maior interesse.

O movimento dos Annales, no século XX, reforçaram este olhar pioneiro. Surge então a História Social junto com a História Econômica, e por oposição à História Política tradicional.

De início, a História Social foi direcionada “para uma história das grandes massas ou para uma história dos grupos sociais de várias espécies (em contraste com a biografia dos grandes homens e com a História das Instituições),”⁵ ou seja, uma História Social voltada para o estudo dos grupos sociais e das suas relações com o econômico e o mental, excluindo o político.

⁴ Idem. p. 17

⁵ Idem ibidem p. 109.

Os historiadores sociais ao se dedicarem aos estudos específicos da História Social, puderam elaborar um perfil resumido desses grupos sociais e de suas relações, procurando responder questões como por exemplo: de que maneira determinada classe social ou grupo se comportou diante de uma certa crise política ou econômica?

Os objetos de estudo mais específicos da História Social ou pelo menos que estão sendo estudados pelos historiadores que se dedicam a essa História correspondem a: “recortes humanos (as classes sociais, as células familiares), ou a recortes de relações humanas (os modos de organização da sociedade, os sistemas que estruturam as diferenças e desigualdades, as formas de sociabilidade). Em um caso, estudam-se fatias da sociedade (ou os subconjuntos internos à sociedade); em outro caso, estudam-se elementos específicos e transversais que parecem atravessar a sociedade por inteiro (os mecanismos de organização social e os sistemas de exclusão, por exemplo, atravessam a sociedade como um todo).”⁶ Outra categoria de estudo com grande importância é a dos processos como colonização, modernização, industrialização e as revoluções, que aparecem muitas vezes como movimentos sociais. Vale lembrar que a História Social estuda não apenas os modos de organização ou estruturas, mas os processos em si.

A História Social foi por um determinado tempo vinculada por vários pensadores e estudiosos a uma História Total, “encarregada de realizar uma grande síntese da diversidade de dimensões e enfoques pertinentes ao estudo de uma determinada comunidade ou formação social.”⁷ O que tornaria a História Social uma história mais ampla e abrangente. Esta concepção de uma história mais ampla, que contrapõe a ideia de uma história específica, também surgiu na Escola dos Annales, na década de 1940, e caracterizou a Segunda fase da Escola.

⁶ Idem. p. 110

⁷ Idem ibidem p. 113

Desta forma os historiadores passaram a entender a História Social com um sentido mais vasto. Ou seja, a História Social não apresenta mais objetos específicos dentro da História; seu interesse é a sociedade como um todo. O que não impediu que continuasse existindo ao lado da História Econômica, História Política, História Cultural e outras. O que vai distinguir é o direcionamento que o historiador vai dar ao fato.

É importante lembrar que se apresenta uma tendência cada vez maior para o exame da sociedade em toda a sua complexidade, superando as várias idéias estereotipadas. Um exemplo pertencente à historiografia brasileira e que produziu junto a este esforço de estender a reflexão social para outro campo foi o centenário da Revolta de Canudos no qual surgiu obras que trouxeram novos enfoques sobre os acontecimentos.

O historiador porém, não pode ser um simples observador da realidade histórica, mas também um conhecedor dessa realidade. Daí, o que ele produz, isto é, o conhecimento histórico resulta de um processo de informação e compreensão. Não que haja a possibilidade de uma informação e compreensão total ou absoluta, pois esse poder de captar a realidade histórica integral para assim registrá-la através do conhecimento histórico e analisá-la, torna-se difícil, pois há sempre um novo olhar sobre os acontecimentos.

A ação de rescrever constantemente a história pelos historiadores torna-se necessária pois os homens e as sociedades humanas são temporais, não permitindo assim um conhecimento imediato, total, absoluto e definitivo. Nesse sentido o historiador utiliza a distância e o tempo para facilitar a reflexão e a interpretação sobre o fato vivido.

Assim, o historiador ao reexaminar o fato histórico observa que o tempo não se revela de uma só vez. Com o passar do tempo os horizontes dos historiadores se expandem, novas temáticas, novos objetos e novos métodos são

adotados. Desta forma o que era secundário e nem percebido pelo contemporâneo emerge no futuro com grande importância, o que era visível e importantíssimo vai perdendo eficácia histórica com o passar do tempo.

A parti do presente, a visão do passado se altera exigindo uma sucessão, uma revisão, uma reelaboração, uma reescrita da historia. Sobretudo, vale lembrar que, cabe ao historiador analisar os acontecimentos levando em consideração o processo dentro do qual se insere.

Na história não há uma verdade única, que estabeleça uma interpretação definitiva, absoluta no tempo. Conforme o tempo passa, novas experiências são acrescentadas às precedentes.

Há sempre um novo olhar disposto a rastrear um fato, um personagem até que ambos se revelem.

Existem mudanças no período histórico que levam anos para ocorrer, outras podem levar algumas décadas, outras podem chegar a levar mais de um milênio para se concluírem. Essas mudanças podem ou provocam modificações e questionamentos quase que imediatos. Só o tempo histórico permite e oferece a possibilidade de uma análise da sociedade que se precisa estudar.

A história não é algo perfeito pronto e acabado. Ela é produto de um processo que está sempre em desenvolvimento, em construção. É dinâmica, está constantemente sendo reelaborada.

Ao desenvolver trabalhos de pesquisa por meio de análise historiográfica é preciso ter o cuidado de não acabar por fazer apenas uma relação de autores e obras, com mero caráter discricionário do que se produz em história. É importante o desenvolvimento de um estudo histórico mais aprofundado, que só pode ser realizado com perfeição por meio de análise crítica

em cima do conhecimento histórico, do processo de recriação, interpretação e representação do objeto.

O conhecimento histórico é um processo infinito. Neste contexto, podemos visualizar novos detalhes, novos pontos de vista, ou seja, novas interpretações que se transformam ao longo do tempo histórico.

A história procura especificamente ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. A transformação é a essência da história; quem olhar para trás, na história de sua própria vida, compreenderá isso facilmente. Nós mudamos constantemente: isso é válido para o indivíduo e também é válido para a sociedade. Nada permanece igual e é através do tempo que se percebe as mudanças.

Nesse sentido, “o historiador utiliza a distância e o tempo para facilitar a reflexão e a interpretação sobre o fato vivido.”⁸

As comemorações são especialmente ricas para essa reflexão historiográfica. As datas comemorativas proporcionam um balanço do que já foi feito e indicam novas contribuições para a compreensão histórica. Logo, comemorar é assim um ato de problematizar as diferentes imagens que construíram um momento da história do Brasil, o propósito deste trabalho é justamente avaliar a produção historiográfica produzida pelos historiadores brasileiros por ocasião das comemorações do centenário da Guerra de Canudos.

⁸REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: De Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 1999.p. 34.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA JÁ EXISTENTE SOBRE CANUDOS

A história da guerra ou do movimento de Canudos, tem sido incansavelmente contada ao longo dos últimos cem anos. Analisada em várias de suas possíveis dimensões, este episódio ensejou diversas interpretações e marcou o processo de transição política que deu origem ao regime republicano brasileiro.

A busca de explicações para a necessidade de acabar com uma população que chegou a se estimar em 25.000 sertanejos, produziu inúmeros trabalhos, e foi tratado por muito tempo pelos intelectuais como sendo de agitação, de fanatismo, jagunços, bandidos, os inimigos da República. Essa visão é notória no discurso de alguns autores aqui selecionados.

O militar, engenheiro e depois escritor Euclides da Cunha, foi o primeiro a interpretar Canudos. Publica no jornal *O Estado de São Paulo*, sob o título “*A nossa Vendéia*” dois artigos sobre a campanha de Canudos. Exaltado pelo fervor republicano, projeta, na sua narrativa dos acontecimentos, o modelo glorioso da Revolução Francesa. A comparação é explícita no título dos dois artigos (*A nossa Vendéia*), escritos em São Paulo, antes de Euclides ser enviado ao local do conflito como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*.

Assim como a Revolução Francesa havia sido ameaçada, de 1793 a 1795, pela sublevação camponesa, monarquista e católica, da região da Vendéia, segundo Euclides da Cunha a recém-proclamada República brasileira também estaria em perigo. Euclides denuncia que: “como na Vendéia, o fanatismo religioso que domina as almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império.”⁹

⁹ VENTURA, Roberto. Cabeças Cortadas em Canudos. In. *Ciências Hoje*, (11):49 nov. 1989.

Para Euclides da Cunha e seus contemporâneos, a identificação com o mito revolucionário francês integra um fenômeno político e religioso, como Canudos, a um horizonte de expectativas.

O que permite classificar o movimento de Canudos como “restaurador” e “monarquista”, assegurando, pela crença na repetição da história, uma revolução pró-republicana do conflito. Por isso Euclides escreve, em meio ao conflito armado, frases tais como “A República é imortal!”.

Em 1902, cinco anos após o massacre, baseado nas pesquisas feitas para o jornal, publicou *Os Sertões*, que causou um grande impacto, não só pela originalidade e exuberância de seu estilo, como também pela corajosa crítica às ações do Exército, que, obedecendo às ordens do governo republicano recém-proclamado, massacraram os habitantes de Canudos. Essa idéia faz com que se distancie da metáfora da Vendéia e da ideologia liberal-republicana.

Considerado um livro definitivo no processo de formação do pensamento sociológico brasileiro, *Os sertões*, mais que construir uma história que acabaria se tornando uma espécie de matriz referencial para a interpretação do sentido de Canudos, manteve-se como um testemunho privilegiado dos questionamentos que dominaram os debates intelectuais no final do século passado.

Neste livro o Autor considera que: “os sertanejos que se refugiaram em Canudos, onde tentaram criar um estilo comunitário de vida, não poderiam ser vistos como culpados, mas sim como vítimas de uma série de fatores econômicos, geográficos, raciais e históricos. Abandonada pelo governo, a população miserável do sertão, formada pela mistura do branco com o negro e o índio, foi ficando cada vez mais isolada e acabou formando comunidades fechadas e muito atrasadas culturalmente, facilitando o surgimento do misticismo e fanatismo religioso.

Criava-se assim uma situação propícia à atuação de líderes capazes de eletrizar multidões com suas promessas de paraíso e bem-aventurança.”¹⁰

O autor também destaca em *Os Sertões* que: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram”.¹¹

Os sertões, de Euclides da Cunha foi classificado como obra-prima por acadêmicos, historiadores, poetas e críticos literários que na época enaltecem Euclides da Cunha e acabam por advertir quanto à magnitude literária de *Os sertões* e foi também criticada, por haver se baseado em teorias obsoletas .

Logo quando *Os Sertões* foi lançado, os conservadores imediatamente acusaram-no de ser um livro “de defesa dos jagunços. O crítico Afrânio Coutinho classificou-o como obra de ficção. O escritor Mário de Andrade, ao conhecer a miséria do sertão e não perceber sinais de heroísmo nos grotões, achou-o um livro falso. Marxistas ortodoxos apontaram-lhe, depois, o pecado capital de não centrar sua análise na luta de classes. Outros incriminam-no por não elevar Antônio Conselheiro à condição de herói nacional.”¹²

Entretanto o livro freqüenta infalivelmente as listas dos clássicos nacionais. “Uma enquete feita pela revista *Veja*, em 1994, entre críticos, escritores e professores conceituados, indicou-o como o maior livro brasileiro de todos os tempos, seguido por *Casa-grande e Senzala* e *Grande sertão: Veredas*.”¹³

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Paulo Azevedo, 1914 p. 27.

¹¹ Idem. p. 105.

¹² FONSECA, Homero. Cem anos de indignação. In *Continente Multicultural*, 2 (23): 09, nov. 2002.

¹³ Idem. p. 10.

“Bertholt Zilly, professor da Universidade Livre de Berlim e seu tradutor para o alemão, afirma que a obra tornou a tragédia social de Canudos parte constitutiva do imaginário nacional e base de legitimação para reivindicações. O historiador inglês Eric Hobsbawm não hesita em colocá-lo na categoria de obra-prima. O crítico americano, e seu tradutor para o inglês, Samuel Putnam o considera o maior livro produzido por um povo.”¹⁴

O êxito alcançado por Euclides da Cunha para Roberto Ventura, professor do departamento de teoria literária e literatura comparada da USP, deveu-se a dois aspectos centrais. “Um é a preocupação estilística. Apesar de ser um assunto histórico ele escreveu com preocupação literária e enfoque científico. E surpreendeu exatamente por essa pujança do estilo altamente sonoro e poético. O segundo aspecto refere-se ao enfoque amplo. Na tentativa de ver a Guerra como símbolo do Brasil ele acabou escrevendo um dos grandes ensaios de interpretação do país”¹⁵ disse o professor que passou dez anos escrevendo a biografia de Euclides da Cunha.

O brazilianista Roberto M. Levine, professor da Universidade da Califórnia, estudioso do tema e autor de *O sertão prometido – O massacre de Canudos*, publicado em inglês, em 1992, que foi traduzido e lançado, em português, em 1995, sob o patrocínio prestigioso da Editora da Universidade de São Paulo.

Robert Levine, há algum tempo voltado para o tema dos messianismo, procura interpretar Canudos, tentando compreender todo o seu mundo e o papel de seu líder, Antônio Conselheiro, sua teologia e suas motivações, dirigindo sua análise para o terreno de uma abordagem de fundo religioso.

¹⁴ FONSECA, Homero. Cem anos de indignação, In *Continente Multicultural*, 2 (23): 11, nov. 2002.

¹⁵ VENTURA, Roberto. Os Sertões de Euclides da Cunha, In *Educação*, (258): 37, out. 2002.

O historiador Robert M. Levine, assinalou com sua obra, o despertar de um novo Brasil, como já havia sido visto por Euclides da Cunha. Essa obra veio a identificar, pela visão de Antônio Conselheiro, o interior baiano como o sertão prometido. Para o autor, a Revolta de Canudos continua, quase um século após sua destruição, a intrigar os estudiosos do tema. O autor questiona na sua obra o que realmente teria ocorrido naquele pedaço do sertão baiano.

Robert M. Levine não se contenta com respostas simples para o fato, como a difundida fase do fanatismo religioso de Antônio Conselheiro e seus seguidores, descritos como loucos e ignorantes. Para Levine, o aspecto religioso é apenas uma parte das intrincadas origens de Canudos. Muito mais importante seria o abandono que a região sofreu durante anos devido à total alienação de um Brasil litorâneo europeizado. Canudos representou a aparição súbita de uma outra nação, mestiça e atrasada que assustou a recente República, instável e arrogante.

O autor também reconstrói minuciosamente a vida no sertão nordestino durante o final do século XIX, seus costumes, as condições geográficas, população, as condições econômicas, as relações sociais, a presença da Igreja e do Estado, e assim tenta explicar essa batalha, que pra ele, foi considerada uma das mais sangrentas ocorridas no Brasil.

A aparição da figura carismática de Antônio Conselheiro, abalou fortemente a ainda instável República e fez surgir toda uma série de boatos, medos e suposições. Segundo Levine, cada parte ameaçada dessa elite pareceu ver em Canudos os reflexos dos seus próprios receios e inseguranças. Deste modo vários políticos acusaram o Conselheiro de tramar a volta da Monarquia. A Igreja não via com bons olhos as críticas do Conselheiro em relação ao clero e sua força como pregador, aos olhos dos coronéis, por sua vez, o movimento lembrava os grupos de jagunços que pilhavam e subvertiam a ordem estabelecida.

A crescente imprensa nacional tratava de aumentar o calor do debate, divulgando a todo momento novas histórias, muitas vezes falsas. O autor Robert Levine assinala que Canudos foi o primeiro grande acontecimento social a ter uma cobertura sistemática pela imprensa, com a participação de correspondentes e o uso de linhas telegráficas.

Apesar de todas as dificuldades, Canudos conseguiu durante a sua breve existência, ser uma comunidade produtiva e melhorar sob diversos pontos de vistas a vida da sua população. Assim, Levine acredita que a sobrevivência dos conselheristas poderia ter posto um fim a vários preconceitos sobre a região. Preconceitos que persistem até hoje, numa situação, muitas vezes assustadoramente parecida com a de alguns anos atrás.

O autor chega à conclusão de que Canudos não foi um fato isolado no sertão, foi apenas o de maior amplitude, e que “foi um movimento milenarista, organizado a partir de uma estrutura comunal forte e recíproca de deveres e compensações, reeditando antigas leituras e embaçando sua análise nos modelos das revoltas rurais européias.”¹⁶

Para o mestre em Ciências Sociais e coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na Bahia/Sergipe, Ruben Siqueira Levine dirigiu sua “análise para o terreno de uma abordagem de fundo religioso. Reedita antigas leituras embaçando sua análise nos modelos das revoltas rurais européias.”¹⁷ Considera que Levine relaciona sertão e litoral em suas leituras apenas para realçar o desprezo dos políticos pelos problemas rurais do país, foco central da revolta “inconsciente” dos sertanejos.

¹⁶ HERMANN, Jacqueline. Canudos Destruído em Nome da República, In *Tempo*.3: 81, jun. 1996.

¹⁷ SIQUEIRA, Ruben. Um Brasil Chamado Canudos, In *Tempo e Presença*. 295: 27, set./out. 1997.

O sociólogo José Arthur Rios julga que “de certo modo constitui a concretização de uma tendência historiográfica mais antiga. Escrita em grande parte a partir de uma historiografia sobre a América Latina produzida em inglês por historiadores norte-americanos, trata-se de uma tentativa de síntese conclusiva sobre a guerra sertaneja e a sociedade brasileira, escrita para o público norte-americano, inicialmente, e, secundariamente, brasileiro.”¹⁸

“As desmedidas pretensões e a origem e qualidade de parte da bibliografia utilizada determinam que o livro encontre-se eivado de deslizes fatuais, historiográficos e analíticos, o que não invalida a rica informação reunida pelo autor.”¹⁹

“Nesse trabalho de mais de 380 páginas, a bibliografia marxista sobre Belo Monte é assinalada em forma caricatural da mesma forma que mais tarde escritores de esquerda retrataram Canudos como um foco de resistência política contra a opressão. Nenhuma das interpretações contribuiu muito para uma melhor compreensão das vidas e motivações daqueles homens e mulheres que seguiram o Conselheiro até o refúgio sagrado. O autor simplesmente adapta a produção historiográfica de esquerda aos seus esquemas.”²⁰

Outra visão da Revolta de Canudos, é a do escritor peruano Mario Vargas Llosa, renomado ficcionista dos mais populares da literatura hispano-americana, que escolheu a guerra de Canudos como tema de seu livro *A Guerra do Fim do Mundo*. O livro na edição brasileira, é acompanhado de um subtítulo posto pelo autor ou pelo editor: *A saga de Antônio Conselheiro, na maior aventura literária de nosso tempo*. Para escrever o seu romance, Vargas Llosa esteve no Brasil várias vezes, afirmou que estudou largamente o assunto, e visitou a região próxima de Canudos, já que o local onde se construiu o arraial está submerso às águas de uma represa.

¹⁸ RIOS, José Arthur. O Enigma de Canudos. In *Carta Mensal*, 43(513): 41-56), dez. 1997.

¹⁹ FONSECA, Homero. Cem anos de indignação, In *Continente Multicultural*, 2(23): 12, nov. 2002.

²⁰ Idem. p. 14.

A Guerra do Fim do Mundo, trás a saga de Antônio Conselheiro, tendo o autor pretendido escrever a maior aventura literária de nosso tempo. O romance, originalmente publicado em espanhol, teve, em português, a tradução de Remy Gorga Filho. Seu depoimento ficcional, embora atento à realidade sangrenta de Canudos, formula relações dialéticas e até certo ponto impressionantes entre o acontecido e o imaginário. Nessa multiplicidade dimensional vivida pela Nação brasileira, nos fins do século XIX, ao lado de uma realidade acontecida, delineou uma outra, através de magníficos quadros murais, misturando simultaneamente, história, crônica e ficção.

Para Edmundo Moniz, Vargas Llosa “emprega a técnica realista para escrever A Guerra do Fim do Mundo. Não há nenhuma originalidade de estilo. O livro se desenrola monotonamente, sem que se note qualquer coisa que realmente impressione. As cenas de violência parecem falsas e caricaturais, sem atingir a dramaticidade que deveriam ter. Chegam, por vezes, a ser ridículas pela falta de vida, pela impossibilidade de dar-lhes um sentido verossímil. Na realidade, Llosa não retrata a paisagem do sertão brasileiro nem a gente que nele vive, sobretudo a que atuou em Canudos durante a guerra. Os sertanejos que descreve nada têm a ver com os sertanejos de carne e osso. Os acontecimentos apresentados constituem uma deturpação odiosa da realidade histórica.”²¹

“Vargas Llosa poderá dizer que não pretendia escrever um livro de história e sim de um romance, tendo, portanto, a permissão de dar asas à sua fantasia pessoal. Mas os romances históricos têm os seus limites intransponíveis e, por isso mesmo, são romances históricos. Trata-se de harmonizar a ficção com a história. Vargas Llosa, entretanto, porque está escrevendo um romance, se julga com o direito de registrar em sua obra erros históricos.”²²

²¹ MONIZ, Edmundo. Canudos: O Suicídio Literário de Vargas Llosa, In *Encontros com a Civilização Brasileira*. 3(29): 7-20, nov. 1993.

²² Idem. p. 17.

Moniz conclui que na realidade, o livro de Llosa, constitui um verdadeiro suicídio. “Um livro não vale só por si mesmo, vale também pela sua finalidade, não só pelo estilo e pelo enredo, também pela substância, pelas idéias que propaga. Nunca mais Vargas Llosa poderá fugir do estigma de Ter escrito este livro contra Antônio Conselheiro e contra Canudos, contra o maior movimento camponês do Brasil, talvez da América do Sul. A maior aventura literária de nosso tempo transformou-se no maior fracasso da carreira literária de Vargas Llosa.”²³

Marco Antônio Villa, professor de história moderna, contemporânea e social da Universidade Federal de São Paulo e especialista em Canudos, lança uma obra denominada *Canudos – o Povo da Terra*. Além de buscar uma explicação para a destruição de Canudos, tem como outro objetivo reabrir o debate sobre a comunidade de Belo Monte, nome que os seguidores de Antônio Conselheiro davam ao arraial que fundaram a nordeste do Estado da Bahia.

Para Marcos Antônio Villa, enfrentar este desafio no início pareceu uma temeridade, pois, a primeira vista tudo já havia sido dito sobre Canudos. Afinal, há quase um século, a literatura, os estudos acadêmicos, o cinema e a música, comentam, explicam, cantam e teorizam esse momento da História do Brasil.

Para o autor “o maior problema enfrentado foi obter informações confiáveis sobre Antônio Conselheiro, a organização do arraial e os problemas que surgiram com os poderes locais depois de 1889. Como os conselheristas não deixaram depoimentos escritos, a saída foi ler as entrevistas que os sobreviventes da comunidade de Belo Monte deram a jornalistas. Infelizmente os historiadores perderam a grande oportunidade de obter esses dados diretamente dos personagens, o que teria sido possível até o final dos anos 50, quando ainda viviam vários conselheristas que desempenharam diversas funções no arraial.”²⁴

²³ MONIZ, Edmundo. Canudos: O Suicídio Literário de Vargas Llosa, In *Encontros com a Civilização Brasileira*. 3(29): 18, nov. 1993.

²⁴ VILLA, Marco Antônio. *Canudos - O Povo da Terra*. São Paulo, Ed. Ática, 1995. p. 25

Através de jornais e de documentos oficiais, o autor conseguiu reconstruir parte da história da comunidade. Em Monte Santo, ficou sabendo da existência de um relatório do intendente da vila, João Cordeiro de Andrade, escrito em 1894 – depois de muito sacrifício conseguiu encontrá-lo em poder de Jonas Cordeiro de Andrade, neto do intendente.

Assim, com todas essas limitações, Marco Antônio Villa reconstruiu a vida dos conselheristas, os atritos com o Estado republicano, o começo do conflito militar, a guerra e a destruição do arraial. Procurou retratar tudo como realmente era e não como ele gostaria que fosse. Todas as descrições da comunidade tomaram como base um ou mais documentos.

Descartou todas as análises que consideraram o arraial como uma comunidade messiânica, sebastianista, milenarista ou socialista utópica e acredita que seu trabalho ajuda a compreender a “experiência conselheristas como um grande momento da história nordestina, onde os sertanejos lutaram para construir um mundo novo enfrentando o Estado.”²⁵

Foi considerado o primeiro trabalho de fôlego sobre os fatos escritos. Por valoriza sobremaneira no livro, o registro e a discussão sistemática das fontes utilizadas. Marco Villa dispôs-se, explicitamente com seu trabalho a reabrir o debate sobre a comunidade de Belo Monte. “Efetivamente, com *Canudos: O Povo da terra*, o autor enriquece e problematiza significativamente a historiografia conselheirista. Os exemplos seriam muitos; Marco Villa invalida a definição do movimento sertanejo como fenômeno messiânico ou milenarista. Propõe que a apresentação de Belo Monte como a Segunda cidade baiana, serviu para justificar a inépcia militar republicana mostrando a impossibilidade de uma tamanha população, na época, nos sertões. Sugere ser o movimento sertanejo o resultado de uma resistência mais ampla, que teve em Belo Monte apenas seu epicentro.”²⁶

²⁵ Idem, *ibidem*. p. 34.

²⁶ VENTURA, Roberto. Cabeças Cortadas em Canudos. In. *Ciências Hoje*, (11):49 nov. 1989.

“O autor abre um grande espaço para a discussão da religiosidade sertaneja e apresenta Belo Monte como uma espécie de concretização natural da vocação apostólica do cristianismo primitivo sobre a terra.”²⁷ Para Villa, a ideologia conselheirista não constitui uma falsa consciência camponesa mas a consciência natural das classes camponesas, ontem e hoje. Para o sertanejo, a religião não é apenas um instrumento de transformação social, mas a fonte inspiradora de um mundo novo.

Villa compreende e apresenta as massas sertanejas, sempre, como o principal agente histórico da construção do arraial de Belo Monte e da resistência conselheirista. Além dos seus inúmeros e importantes avanços historiográficos. “*Canudos: o povo da terra*, constitui certamente a mais pertinente e confiável síntese das pesquisas e estudos realizados até agora sobre o movimento - conselheirista.”²⁸

Algumas interpretações consideram a obra como um “excelente livro, que analisa o arraial de Belo Monte como uma forma de concretização natural no mundo rústico do cristianismo primitivo. Expressa já o influxo do MST na reflexão historiográfica sobre o movimento conselheirista.”²⁹

Villa acredita que seu trabalho ajuda a compreender a experiência conselheirista como um grande movimento da história nordestina, onde os sertanejos lutaram para construir um mundo novo, enfrentando o Estado dos *landlords*. Nessa perspectiva, seu trabalho se insere naquela fértil linha de análise que conferiu aos seguidores de Antônio Conselheiro uma politização acentuada e uma consciência razoável de seus projetos.

²⁷ HERMANN, Jacqueline. *Canudos Destruído em Nome da República*, In *Tempo*. 3: 81, jun. 1996.

²⁸ Idem p.83.

²⁹ VENTURA, Roberto. *Cabeças Cortadas em Canudos*. In. *Ciências Hoje*, (11):50 nov. 1989.

Outra interpretação sobre Canudos foi a produzida por Edmundo Moniz, em sua obra intitulada: *Canudos a luta pela terra*. Publicada no início dos anos oitenta, coloca Antônio Conselheiro como uma liderança carismática e providencial, defensor da reforma agrária no século XIX. Tentou entender a organização do arraial de Belo Monte buscando no marxismo ortodoxo a fonte explicativa para essa Revolta.

Para Edmundo Moniz, Canudos não é absolutamente uma rebelião de fanáticos, mas sim uma corajosa, consciente e organizada luta pela terra, para nela se realizar um tipo de sociedade nova com inspiração no Socialismo Utópico de Thomas More.

Edmundo Moniz ainda apresenta, o que segundo ele, é o verdadeiro Antônio Conselheiro, com suas idéias religiosas, filosóficas e políticas. Não é um fanático ou uma mistura de místico e fanático, mas surge na História do Brasil como um autêntico fruto de suas contradições e se transforma em líder de uma gente pobre e espoliada, que anseia viver pacificamente numa sociedade mais humana de forma mais feliz.

O fanático ou insano como é considerado por alguns historiadores, na visão de Edmundo Moniz, cede lugar para um guia e conselheiro convicto de seu papel histórico sem se afastar da realidade viva do sertão, e sem perder a perspectiva histórica de seu tempo. Moniz concluiu: “Embora Antônio Conselheiro estivesse politicamente atrasado em relação à República, não compreendendo o significado histórico da revolução burguesa como um avanço no plano social estava além da República como da Monarquia.”³⁰

Segundo Moniz, Antônio Conselheiro e seus seguidores tinham consciência de que, ao criar uma comunidade que vivesse à margem do sistema

³⁰ MONIZ. Edmundo. *Canudos a luta pela terra*, São Paulo, Ed. Global, 1986.p.77.

republicano- que se negava a contribuir com o pagamento de impostos e não aceitava a separação entre Igreja e Estado- partiam para o enfrentamento com os potentados locais, os governos estadual e federal e a Igreja. Em seu livro, Moniz compara a ação do Conselheiro junto aos sertanejos com à luta liderada pelo revolucionário mexicano Emiliano Zapata (1879-1919).

Uma das obras mais polêmicas a respeito de Belo Monte e Antônio Conselheiro. Elogiada por uns e execrado por outros, o trabalho de Edmundo Moniz é uma obra seminal sobre o arraial conselheirista, tendo aberto muitas frentes de que se serviram estudiosos posteriores, elaborada a partir de uma perspectiva muito clara. Na primeira parte do livro, Moniz apresenta a trajetória de Antônio Conselheiro. Salaria o aspecto social da ação que Maciel passou a desenvolver.

Verifica-se aí uma perspectiva que considera a religião como simples veículo para o alcance de objetivos de cunho social e político, da parte do Conselheiro, o que se poderá notar até o fim do livro.

Moniz dá grande importância aos conflitos que Conselheiro viveu com a hierarquia católica baiana, mas tende a reduzi-lo a uma única questão: o igualitarismo social, como suposto eixo de toda a pregação do líder sertanejo. Sobre o surgimento do arraial, Moniz reitera “os padres não protestavam contra as terras tomadas, contra os salários que não davam para matar a fome, contra os abusos das autoridades com as quais viviam na melhor harmonia(...). o mesmo não se dava com Antônio Conselheiro que além da prédica religiosa e da condenação das injustiças sociais, organizara na prática, uma comunidade igualitária, transferindo para a terra o que os padres prometiam no céu.”³¹

³¹ Idem. ibidem p.81.

Assim, apesar dos tropeços em boa parte fruto de um olhar pré-concebido e com insuficientes condições para quilatar a relevância do religioso na configuração de Belo Monte, e, de outro lado por uma tendência idealizante de Antônio Conselheiro e do seu movimento, o trabalho de Moniz é importante.

“É uma obra de maturidade. Em diversos aspectos o livro é inovador. Apresenta-se em detalhes, o complexo contexto político da época, com as fricções entre as facções dominantes nacionais e regionais, grupos políticos baianos oligarquia cafeicultora versus florianistas, etc. essas contradições contribuíram para transformar o combate ao movimento sertanejo em questão nacional.”³²

O autor ressalta a luta dos sertanejos pela terra, assinalando o crescimento do apoio das comunidades sertanejas regionais ao arraial de Belo Monte, à medida que se desenvolvia a guerra. Coloca, assim, em forma clara a necessária compreensão da revolta como um movimento amplo.

Edmundo Moniz desvela facetas inusitadas dos fatos e registra depoimentos de alguns dos últimos protagonistas dos acontecimentos como o Juiz de Direito Leoni. *Luta pela terra*, é um trabalho com raízes entranhadas em sua época. A parti de suas opções metodológicas, o autor procura definir o caráter da formação social brasileira na República Velha.

Na obra, não poucas vezes, Edmundo Moniz permite-se explicações positivas e incisivas sobre sentimentos e reflexões pessoais dos personagens históricos. É também clara a tendência a interpretar os sucessos como expressão da vontade consciente dos protagonistas: o que talvez explique a dificuldade de interpretar corretamente as prédicas de Vicente Maciel.

³² FONSECA, Homero. Cem anos de indignação, In *Continente Multicultural*, 2 (23): 11, nov. 2002.

Apresenta Antônio Conselheiro senhor de um pensamento teológico ortodoxo e conservador, ainda que positivo, amoroso e tranquilizador como um reformador social, leitor de Thomas Morus e adepto do socialismo utópico com um projeto consciente de reforma da estrutura fundiária nordestina.

A guerra sertaneja é vista como resultado de um plano retilíneo, quase supra-histórico ideado pelo peregrino. “Os deslizos metodológicos, comuns na obra de um historiador não-profissional, e a não identificação circunstanciada das fontes utilizadas, têm permitido uma inaceitável desqualificação sumária de a luta pela terra como obra de referência da história do arraial de Belo Monte e da Guerra de Canudos.”³³

³³ FONSECA, Homero. Cem anos de indignação, In *Continente Multicultural*, 2 (23): 13, nov. 2002.

CAPITULO III

INTERPRETAÇÕES QUE SURGIRAM COM AS COMEMORAÇÕES DOS CEM ANOS DE DESTRUIÇÃO DO ARRAIAL DE CANUDOS

Em 1997 foi comemorado cem anos da destruição do arraial de Canudos. O assunto foi reavivado nesse centenário em filmes, seminário, livros, provocando mesas redondas e debates, permanentes focos de reportagens, oscilando dos jornais às câmaras de tevê e às tese de mestrado nas Universidades. Trazendo uma releitura do episódio, discutindo aspectos novos, alimentando a infundável polêmica.

Apesar de analisada por tantos autores, o que já estava sendo considerado tema esgotado, renasce com o centenário revelando toda a sua complexidade. Surgem novos enfoques à luz da contemporaneidade, sobre o movimento de Canudos e a vida de seu líder. Revela-se ainda que, a campanha de Canudos faz parte da história do Brasil, e está bem presente em todo o país.

O centenário de Canudos - a guerra civil que colocou em lados opostos as forças legalistas do governo Prudente de Moraes e os seguidores do visionário Antônio Conselheiro em finais do século passado - não pára de render publicações.

Ataliba Nogueira, que foi professor da Universidade de São Paulo, onde lecionou por trinta e quatro anos aposentando-se em 1971, lançou em 1974 a primeira edição de sua obra *Antônio Conselheiro e Canudos - Revisão historiográfica*. Em 1997 essa obra será relançada em comemoração ao centenário de Canudos.

Para Ataliba Nogueira, Canudos foi uma resistência que os sertanejos opuseram às forças do exército, derrotando quatro expedições. Foi uma das maiores lutas do povo brasileiro no sertão baiano, no final do século.

Não apenas na época de Canudos, mas ao longo das décadas seguintes, Antônio Conselheiro era tido como um fanático, ignorante e revoltoso, uma verdadeira ameaça à estabilidade do governo. No entanto, nesta obra, a figura de Antônio Conselheiro é redefinida. Ataliba Nogueira mostra um Antônio Conselheiro piedoso, líder natural de um povo abandonado pelas autoridades e que se organiza de maneira convincente para garantir sua própria subsistência. Mostra o Conselheiro como um religioso e conhecedor dos ensinamentos religiosos, uma pessoa de grande nível cultural, como se nota pela qualidade de sua ortografia. Um Conselheiro muito diferente daquele pintado por outras pessoas.

Nesse livro, Ataliba Nogueira publica, pela primeira vez, a obra manuscrita de Antônio Conselheiro, a qual pertenceu a Euclides da Cunha, precedendo-a de um estudo introdutivo, no qual, além de oferecer argumentos convincentes contra a tese da insânia e do fanatismo religioso e político atribuídos ao construtor de Belo Monte, analisa as suas prédicas. “Com a competência que todos lhe conhecemos no tocante à doutrina da Igreja Católica, declara o mestre paulista que esses escritos de devoção embora de forma claudicante, não conflitam com as prédicas ortodoxas. Trata-se, conclui Ataliba, de uma manifestação singela de fé, que não há de agradar aos céticos e agnósticos.”³⁴

O segundo estudo a dar alguma atenção ao manuscrito Conselheirista, publicado em 1974, apresenta e oferece uma apreciação do referido caderno. Ataliba julga viável falar da genuinidade da doutrina das prédicas de Conselheiro. Absolutamente ortodoxas. “São elas instrutivas e persuasivas. Nada de milenarismo ou assemelhados apenas o comuncional.”³⁵ Ele é escritor que transmite o seu pensamento, eleva o leitor.

³⁴ NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro – Revisão Historiográfica*. 3º Edição. SP. Ed. Atlas, 1997.p. 50.

³⁵ Idem p. 54.

Walnice Nogueira Galvão, professora titular da Universidade de São Paulo (USP) e jornalista, retoma o tema em seu livro *O Império do Belo Monte – Vida e Morte de Canudos*, apresenta um panorama conciso e preciso dos eventos históricos, dando uma nova interpretando ao fato.

Interpreta a revolução como sendo uma guerra fratricida e desnecessária, mas que deixa como lição principal para todos os brasileiros: a admiração pelo esforço desenvolvido por populações carentes de tudo, para criar novas formas de vida em comum, tal como era, segundo ela. Busca ainda uma reflexão sobre o objetivo do Império do Belo Monte, “que de um modo ou de outro engendraram uma estrutura alternativa de poder que os subtraia ao mando dos potentados do sertão.”³⁶

Apresenta um panorama conciso e preciso dos eventos históricos, refletindo sobre como os seguidores de Antônio Conselheiro engendraram uma estrutura alternativa de poder que os subtraía ao mando dos potentados do sertão. Assim, o livro oferece uma visão abrangente e alternativa de nossa história, combinando rigor historiográfico com linguagem acessível. Se tornou indiscutivelmente um clássico na historiografia deste episódio fundamental da história do Brasil.

“A liderança de Antônio Conselheiro e as circunstâncias sociais, econômicas e políticas que deram origem à Guerra de Canudos são analisadas nesta obra. Um livro fundamental para se entender porque um país inteiro se colocou a favor do esmagamento de um minúsculo povoado perdido no mais recôndito sertão, o que acabou por transformar Canudos em um símbolo, a perturbar a glorificação de nossa história.”³⁷

³⁶ Idem, *ibidem* p.67.

³⁷ LITRENTO, Oliveira. *Canudos: Visão e Revisão*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1998.p. 191.

Em 1997 é lançada uma obra chamada: *Antônio Conselheiro: O beato endiabrado de Canudos*, de Vicente Dobroruka. O autor possui preocupações específicas com os movimentos messiânicos, que levaram à indagação acerca de sua natureza nos contextos brasileiros que gerou este livro. A presente obra, no entanto, propõe ser bem mais do que uma compilação de dados para a elaboração de uma espécie de *curriculum vitae* de Antônio Conselheiro: é também, e principalmente, uma análise acerca dos aspectos de sua obra e de sua vida, mal-explicados, que merecem um olhar mais cuidadoso. Neste sentido, o que o autor pretende fazer é compreender a trajetória de vida e a obra escrita do Conselheiro num campo semântico mais próximo de sua própria ambiência histórica e social; em todo caso, um campo definido de forma menos arbitrária do que o olhar de Euclides e de muitos de seus herdeiros intelectuais haviam estabelecido. Este livro inova ao escrever sobre Canudos com uma outra perspectiva que não seja a messiânica ou socialista. Utiliza como paradigma um modelo a partir de outras pesquisas e expõe questões fundamentais acerca da vida de Antônio Conselheiro, para a partir dela traçar um perfil menos místico e revolucionário e mais humano do homem Antônio Vicente Mendes Maciel e sua trajetória até a formação do Belo Monte.

Não podemos deixar de considerar, ainda, uma cuidadosa biografia do líder de Belo Monte, que pretende realizar “uma análise acerca de aspectos de sua [do Conselheiro] obra e de sua vida, mal-explicados, que merecem um olhar mais cuidadoso”³⁸. Entre os vários aspectos que merecem destaque nesse trabalho, salientamos uma questão. Vicente Dobroruka ensaia uma convergência entre o conteúdo das prédicas do Conselheiro editadas por Ataliba Nogueira e aquele encontrado em outras fontes, particularmente Euclides e José Aras (filho de gente que conheceu o Conselheiro e grande conhecedor das tradições e memórias populares sobre o Belo Monte), que recolhem expressões populares e sermões supostamente pronunciados pelo Conselheiro.

³⁸ DOBRORUKA, Vicente. *Antônio Conselheiro: O beato endiabrado de Canudos*. Rio de Janeiro, Diadorim Editora, 1997.p.98.

A particular diferença reside no fato de que neste último material se percebe um tom profético e apocalíptico não encontrado nas prédicas. Dobroruka procura superar estas “discrepâncias entre discurso oral e escrito na obra do Conselheiro”³⁹ considerando que a clivagem entre expectativas escatológicas concretas e coletivas e outras mais individualizadas é apenas aparente; na verdade ambas caberiam no horizonte do Conselheiro: “Salvação do homem e do mundo são, na ótica conselheirista, aspectos do mesmo discurso: não devemos por isso concluir que o Conselheiro não acreditava nele, ou que tinha medo de divulgá-lo. Parece mais lógico supor que, na sua pregação, cada um dos discursos tinha sua hora e seu lugar específicos.”⁴⁰

Dobroruka inova ao oferecer ao leitor uma outra interpretação do evento, combinando a narrativa histórica e a interpretação crítica a parti de uma escolha teórica capaz de problematizar o evento de Canudos, transformando-o em objeto.

O autor coloca que ao longo de cem anos muito se escrevera sobre Canudos e bem poucos estudos são voltados para o entendimento do cotidiano no arraial, retratando a figura humana do Conselheiro e a sua importância individual na luta. A sua proposta consistia em “ uma análise acerca de aspectos de sua obra e de sua vida, mal explicados, que merecem um olhar mais cuidadoso. Nesse sentido, o que pretendo é compreender a trajetória de vida e a obra escrita do Conselheiro num campo semântico mais próximo de sua própria ambiência histórica e social(...) um campo de forma menos arbitrária do que o olhar estrangeiro de Euclides e de muitos de seus herdeiros intelectuais haviam estabelecido.”⁴¹

³⁹ Idem, p.101.

⁴⁰ Idem, ibidem p.105.

⁴¹ Idem, ibidem p. 87.

O autor ressalva que a importância do indivíduo Antônio Conselheiro fala por si mesma, que seu papel no drama de Canudos é suficientemente importante para justificar um estudo biográfico o qual ele se propõe.

Além das questões relativas ao aspecto religioso da vida do Conselheiro, Dobroruka dedicou atenção à desqualificação que lhe foi imposta pela historiografia euclidiana e pós euclidiana que apresentava a figura do Conselheiro enquanto ignorante e fanático, que segundo o autor, obedecia a necessidades teóricas. Sobre a guerra, Dobroruka coloca que constituía apenas um elemento a mais para a compreensão da vida do Conselheiro.

Segundo Dobroruka, há alguns autores que pretendem transformar o movimento de Canudos numa luta de classes e até mesmo Antônio Conselheiro como o grande líder revolucionário, fatos esse que não procedem, pois Conselheiro desconhecia o termo classe e o arraial não se enquadrava nesse modelo socialista que esses autores tendem a enquadrá-lo.

“Se comparada ao espetáculo do contraste social das fazendas do sertão, a sociedade canudense era sob certos aspectos igualitária. Importante lembrar no entanto, que o comunismo dos canudenses, não implicou na cessão de todos os bens individuais para a coletividade, mas apenas de uma parte deles para a manutenção de um fundo comum. O que nos leva a perguntar se ainda é válido o uso do termo comunismo com algumas propriedade.”⁴²

Em relação às suas posições políticas, segundo o autor, ele era monarquista e em relação à República havia dois grandes motivos para combatê-la: “o primeiro deriva da questão da emanção do poder do governo republicano é ímpio por não contar com a bênção de Deus. Em segundo lugar, esse governo define-se por uma série de práticas que o Conselheiro desaprova abertamente,

⁴² Idem, ibidem p. 79.

tais como o casamento civil e a deposição de D. Pedro II.”⁴³

A obra de Vicente Dobroruka apresenta um estudo importante sobre a vida do Conselheiro antes da Fundação de Belo Monte e depois dela. Como viviam o Conselheiro e sua gente, como era seu pensamento religioso, negando a idéia de autores que viam a questão agrária como a única motivação para a formação dessa comunidade e negando a existência de uma percepção dos participantes do movimento, da idéia de luta de classes, mesmo inconsciente.

Com o centenário de Canudos, também torna-se oportuna a publicação da obra *A Guerra Total de Canudos*, do historiador Frederico Pernambucano de Mello, um dos maiores estudiosos do cangaço e especialista da História Social do Sertão.

Para ele o “arraial em que fanáticos e jagunços tentaram desenvolver uma sociedade diferente da que existia no Estado brasileiro, pagou caro por sua divergência.”⁴⁴

Analisa, entre outras questões, as causas remotas e próximas do conflito, plantadas na falha da colonização que privilegiava as zonas econômicas exportadoras, as características dos meios naturais e sociais dos sertanejos, indo até a questão alimentar; presença de Norte e do Nordeste no esforço de guerra, o que é feito pela primeira vez.

Ainda traz a visão sobre a presença de negros ex-escravos no arraial de Canudos, a existência de uma simpatia pelo governo monárquico, entre os

⁴³ Idem, ibidem p.106.

⁴⁴ MELLO, Frederico Pernambucano. *A Guerra Total de Canudos*. Stahli Recife Editora, 1997.p. 45.

rebeldes, sem que estes estivessem articulados com os monarquistas, e finalmente, o papel desempenhado pelo Exército, despreparado, na época, para agir em uma região desconhecida, sem ter um sistema de apoio para a tropa em ação.

O autor pondera que o arraial organizado por Antônio Conselheiro teve apenas quatro anos de duração, e foi destruído de forma violenta, em uma guerra sangrenta e total, por um governo que se sentia duplamente ameaçado: pela malta ou pela gentalha, como se dizia na época, que se levantara contra este e a ordem legal, pelos monarquistas que, na visão nervosa dos republicanos, tentaram restabelecer o governo imperial.

Aprecia no primeiro caso, que a luta se deu entre sertanejos pobres e deserdados, que não possuíam bens imóveis e viviam vegetando nos grandes latifúndios, trabalhando sem nenhuma garantia e sem o reconhecimento de qualquer direito.

Era gente considerada, pelas elites, como inferior, pobre, analfabeta e que se prestava apenas para ser dominada e explorada, enquanto elas, ligadas ao poder político e econômico, representavam a classe dominante, culta, rica e capacitada a dirigir a tudo e a todos, proprietária não só das terras como do próprio Estado.

Do ponto de vista político, o autor julga que a “República proclamada em 1889, através de um golpe militar sem apoio popular e carente de uma convicção política profunda, temia o surgimento de um contragolpe que restaurasse o trono de Pedro II e de Isabel, a Redentora. Imaginavam que a princesa imperial, tendo assinado a Lei Áurea, que concedeu prestígio entre o povo que este, conduzido por líderes carismáticos, restaurasse o trono.”⁴⁵

⁴⁵ Idem p. 57.

Desta forma, revelando aspectos novos, o estudo de Frederico de Mello com a isenção que caracteriza a sua obra de historiador, tem lugar de destaque nas revisões com que estará transcorrendo o centenário dessa guerra trágica.

Frederico Pernambucano de Mello, ainda traz o general Dantas Barreto para uma posição central de herói, bem como um pioneiro estudo sobre as armas empregadas de parte a parte e de um conjunto de biografias úteis sobre os mais destacados participantes do conflito. Na apreciação das origens do conflito, do meio dos personagens, dos aspectos militares e dos principais fatos, o autor consegue inovar e ser claro.

Em última análise historiográfica sobre o centenário da destruição de Canudos, mas não menos importante, chegou a vez agora de uma obra que revisita Canudos. Trata-se de *Canudos - Palavra de Deus, Sonho da Terra*, uma coletânea de artigos de especialistas de várias áreas das ciências humanas que discute o episódio no sertão baiano sobre diferentes observações. O livro é uma publicação da Boitempo Editorial, em parceria com o Senac.

Como não poderia deixar de ser, a fonte primária onde os articulistas foram beber é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a obra que segundo os autores melhor retratou a batalha entre as tropas federais e os homens de Conselheiro. Mas não foi só daí que os dez ensaístas tiraram sua matéria-prima. A literatura de cordel, farta em informações, casos pitorescos e histórias a respeito do conflito acabou também sendo de grande utilidade para o volume organizado pelos pesquisadores Benjamin Abdala Júnior e Isabel M. M. Alexandre. Entre os articulistas estão nomes como o do professor de filosofia da USP Renato Janine Ribeiro, a historiadora Janice Theodoro, o escritor Rodrigo Lacerda e os pesquisadores Roberto Ventura, Walnice Nogueira Galvão e Barbara de Leonardis, entre outros. Além dos textos, o livro ainda é ilustrado com dez belas fotos da região, feitas por Ed Viggiani, retratando a paisagem e o cotidiano de seus habitantes.

Os autores consideram que Canudos sofreu seus momentos de terra devastada. Após o conflito, não sobrou pedra sobre pedra, uma casa com as quatro paredes de pé ou uma alma inimiga para contar a história. “Com uma voracidade pouco vista em batalhas em campos estrangeiros (talvez a única exceção seja alguns momentos da Guerra do Paraguai), os militares de Prudente de Moraes fizeram questão de mostrar quem, afinal, mandava no pedaço e, por extensão, no País. Massacre pode até parecer uma palavra muito forte, mas o que aconteceu naquelas paragens tão distantes do Palácio do Catete, no Rio, e do centro do poder e da cultura da república ainda emergente até hoje rende alentados textos.”⁴⁶ Não é por outra razão que os pesquisadores convidados para compor o volume lançaram mão de tantos aspectos distintos do problema.

Renato Janine Ribeiro, por exemplo, enfocou em seu artigo a questão da cidadania, tomando como base os acontecimentos de Canudos e a prosa euclidiana. “Para Euclides, o republicanismo não quer dizer apenas o repúdio às formas autoritárias do Império, a uma tradição que portava pouco, ou nenhum, futuro. Ele significa a abolição da escravatura, relações de trabalho mais honestas, uma renovação radical da sociedade”⁴⁷, escreve o professor da USP.

“Ao mesmo tempo, porém, uma formação e uma seriedade intelectuais raras tornam nosso autor capaz de reavaliar suas convicções, e o fazem passar, do jacobino padrão que vê em Canudos a 'nossa Vendéia', àquele escritor que revelará não só a extensão do massacre mas, sobretudo, o descaso que o centro do poder, a capital litorânea, sente pelo enorme sertão”⁴⁸, afirma Janine, um pouco mais adiante, concluindo seu paradoxo.

⁴⁶ JÚNIOR, Benjamin Abdala e ALEXANDRE, Isabel (org.) *Canudos – Palavra de Deus Sonho da Terra*. Edição Boitempo, Ed. Senac, São Paulo, 1997. 54.

⁴⁷ Idem p.68.

⁴⁸ Idem, ibidem p.74.

É essa relação entre capital e interior, exatamente, que vai nortear as intrincadas questões sociais no interior nordestino, que acaba por eclodir em Canudos. Já Barbara de Leonardis, pesquisadora da UNESCO, prefere focar em seu artigo "Messianismo na Caatinga" as condições que geraram Canudos e o próprio Conselheiro. Segundo ela, as características geográficas e sociais possibilitaram Canudos - e tanto fazia ser na Bahia ou no Mato Grosso. "O sertão, mais imaginado que conhecido, é árido para o homem, semi-árido para a geografia. O matiz não é ocioso"⁴⁹, escreve Barbara de Leonardis. "Como diz Euclides, Canudos não se rendeu, simplesmente lutou até a morte. Acaso era esse o fim do mundo que esperavam? O que se sabe é que os seguidores de Conselheiro agiram com grande valor, com a mesma resistência das plantas da caatinga, tirando do nada as suas energias e o seu denodo. Certo é também que somente uma forma de fanatismo, de crença cega no Conselheiro, poderia explicar que os filhos indomáveis do sertão, depois de haverem lutado a vida inteira para sobreviver a inúmeros flagelos, houvessem se sacrificado como fizeram"⁵⁰, diz ela.

"A única explicação possível é a de que aceitaram com o mesmo fatalismo tanto os ataques da natureza como a morte, amenizada pela esperança de um além mais brando"⁵¹, conclui a pesquisadora.

⁴⁹ Idem, ibidem p.80.

⁵⁰ Idem, ibidem p.109.

⁵¹ Idem, ibidem p. 111.

A crise sertaneja protagonizada por Conselheiro, no entanto, não gerou apenas textos acadêmicos. Também produziu, como era de se esperar, uma vastíssima literatura popular, daquelas que se publicam em livrinhos simples, quase toscos, mas que apresentam, na maioria das vezes, o que de mais importante gerou o imaginário do homem comum: a chamada literatura de cordel. É exatamente a respeito disso que escreve o professor da Universidade Federal da Bahia José Calasans. Seu texto "*A Guerra de Canudos na Poesia Popular*", publicado originalmente em 1952 mas ainda mantendo uma atualidade impressionante, fala basicamente da poesia popular dos cordelistas que, tanto quanto Euclides da Cunha, souberam imortalizar Conselheiro e seu arraial. "Ajudando a viver, conseqüentemente ajuda a lutar. Sabiam desta verdade os brasileiros de ambos os lados que se bateram nas caatingas do sertão. Cessada a luta terrível, continuaram os trovadores rememorando os fatos, recordando as figuras principais"⁵², conta Calasans. "O ciclo poético de Canudos avançou pelo tempo. O vulto histórico de Conselheiro passou para o domínio do folclore"⁵³, afirma o professor baiano, para, a seguir, ilustrar seu artigo com alguns exemplos cordelistas. Como este: "O sol já se levanta/Cheio de seu resplendo/Antônio substitui Jesus/Que do castigo nos livrou."⁵⁴

Outra curiosidade presente na obra, é acompanhar a correspondência inédita de Euclides da Cunha, na época de sua partida para a Bahia como correspondente do Estado. Pelas cartas, fica evidente a sua disposição republicana, tida então como diametralmente antagônica ao suposto monarquismo do Conselheiro.

⁵² Idem, ibidem p.113.

⁵³ Idem, ibidem p. 120.

⁵⁴ Idem, ibidem p.121.

O título não poderia ser melhor escolhido. *Canudos - Palavra de Deus, Sonho da Terra*, organizado por Benjamin Abdala Júnior e Isabel M. M. Alexandre, assim considera Homero Fonseca, em um artigo escrito para a revista *Continente Multicultural*. Coloca que ao longo dos dez estudos que o compõem, a necessidade de articular as ordens divina e humana para compreender a saga do arraial, cujo fim ocorreu há pouco mais de cem anos.

“De fato, tanto o messianismo quanto a carência material devem ser convocados para explicar por que 20 mil pessoas seguiram Antônio Conselheiro, estabeleceram-se no Belo Monte e resistiram até a morte diante de um exército mais numeroso e melhor armado.”⁵⁵

“O livro reúne um belo time de analistas para, no centenário de Canudos, jogar um pouco de luz sobre esse que foi o maior genocídio da história brasileira. Como em geral acontece com as obras coletivas, esta também é composta de picos e vales. A diversidade das abordagens, no entanto, permite que a unidade seja encontrada justamente na pluralidade.”⁵⁶

Dessa façanha sem glória ficaram algumas perguntas não-respondidas, que, no livro, são articuladas com clareza pela professora da USP Janice Theodoro. A população de Canudos não estaria resolvendo melhor seus problemas cotidianos sob as ordens do Conselheiro do que no Estado Republicano? Não haveria, no arraial, um sentido comunitário que beneficiaria a vida daquelas pessoas? Não seria possível chegar a uma solução negociada com Antônio Conselheiro, a exemplo do que foi feito com o Padre Cícero?

⁵⁵ FONSECA, Homero. Cem anos de indignação. In *Continente Multicultural*, 2 (23): 11, nov. 2002.

⁵⁶ Idem p.12.

São perguntas mais que atuais. “Convidam a refletir sobre o alcance do individualismo liberal na solução dos problemas dos mais carentes; sobre o limite da competição na eficácia social; sobre a relação assimétrica do diálogo entre poderosos e desfavorecidos no Brasil contemporâneo. Tudo isso insiste em permanecer atual, para desgosto do neo-iluminismo liberal.”⁵⁷ Na verdade, não é preciso nenhum apelo ao transcendente para entender por que Canudos ainda é uma ferida aberta na memória nacional.

Passeando por várias paragens de Canudos, por imagens diversas do que aconteceu na caatinga baiana, os pesquisadores e articulistas lançam novas luzes sobre um assunto que, por mais que se comente, parece nunca ter fim. Canudos, com ou sem centenário, continua sendo uma questão ainda a ser resolvida, exorcizada e melhor entendida pelo Brasil.

⁵⁷ SALLES, Ricardo. Nação e Genocídio Social: 100 anos de Canudos, In. *Proposta*, 22 (60): 5-9, mar. 1994.

CONCLUSÃO

Há muitas maneiras de abordar a historiografia sobre o tema citado, mediante inúmeras formas de análises dos mais diversos ângulos dos autores que aqui foram selecionados, o que faz perceber a diferença de estudos e maneiras de abordagem de cada autor. Nesse contexto, pode-se perceber que as análises feitas continuam sendo atuais e fator de transformação dentro da historiografia.

Criticar é fácil, interpretar, não. Erros cometidos, passados cem anos da Campanha de Canudos, apesar de analisados por vários autores, após a ocorrência de fatos que ceifaram tantas vidas, começam a ser vistos sob novos enfoques.

Ao analisarmos a historiografia sobre o centenário da revolta de Canudos, no transcorrer do século XIX, podemos iniciar pela obra de Ataliba Nogueira, *Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão historiográfica*, que contribuiu trazendo uma nova visão de Antônio Conselheiro. Nos estudos anteriores, Antônio Conselheiro era interpretado com um louco, Ataliba Nogueira procura mudar essa interpretação mostrando um Conselheiro líder de um povo que se organizou para obter melhores condições de vida.

Outro estudo de grande importância é o de Walnice Nogueira Galvão, na obra *O Império do Belo Monte - Vida e Morte de Canudos*, que contesta as interpretações anteriores sobre o arraial de Belo Monte. Inova ao apresentar características mais concisas do arraial, além de uma reflexão sobre a vida dos conselheristas, que segundo a autora, eram apenas vítimas daquela situação.

Quanto à obra de Vicente Dobroruka, que procurou apresentar uma trajetória da vida de Antônio Conselheiro, podemos perceber que o autor trouxe novos dados a cerca da vida de Antônio Conselheiro, antes e depois da Revolta de Canudos, e do arraial de Belo Monte no seu cotidiano.

Em seguida, Frederico Pernambucano de Mello, considera, analisando o meio social dos sertanejos, as verdadeiras causas da Revolta de Canudos. Inova trazendo a presença de ex-escravos no arraial, a atuação do exército e a violência da destruição da revolta.

Por fim, analisamos a obra: *Canudos – Palavra de Deus, Sonho da Terra*, uma coletânea de vários autores especialistas no assunto, que embaçam os seus estudos na obra de Euclides da Cunha e na literatura popular. Os autores esclarecem algumas questões que foram deixadas em aberto por vários anos, como por exemplo o que poderia ter sido feito pelo Estado Republicano para evitar a revolta de tantos sertanejos.

Em derradeira análise, percebemos que existe entre os autores várias formas de abordar o tema proposto, levando em consideração as fontes pesquisadas e suas tendências sociais, econômicas, políticas, culturais e ideológicas. Cem anos após a revolta, fugindo à tônica geral da bibliografia brasileira na abordagem da Campanha de Canudos e do personagem Antônio Conselheiro, procura-se dar destaque a visão do sertanejo bem como a redefinição da figura de Antônio Conselheiro.

Canudos é sem dúvida um tema de grande importância na história, um fato histórico que abalou todo o país. O tema de Canudos constituiu-se num permanente desafio aos interessados em conhecer a natureza, extensão e consequência dos eventos às margens do Rio Vasa-Barris, no interior baiano, no século XIX. A pesquisa, conquanto extensa sobre o assunto, ainda se defronta com pontos obscuros e de difícil elucidação.

Reviver Canudos corresponde a mapear a intolerância na qual se fundou o Estado republicano e outros tantos do ocidente em crise, em crise com as suas identidades nacionais, enfim em crise com os seus valores.

Até hoje, temos muito a aprender com o episódio de Canudos e seu mentor líder Antônio Conselheiro. Ele foi considerado um dos maiores movimentos políticos e religioso do nordeste brasileiro em todos os tempos. É um fato histórico de grande interesse, que ainda desperta muitos debates, discussões e que possui uma bibliografia muito rica sobre o assunto.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D" Assunção. *O Campo da História: Especialidades e Abordagens*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Paulo Azevedo, 1914.

DOBRORUKA, Vicente. *Antônio Conselheiro: O beato endiabrado de Canudos*. Rio de Janeiro, Diadorim Editora, 1997.

FONSECA, Homero. Cem anos de indignação, In *Continente Multicultural*, 2 (23): 09, nov. 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos*. Rio de Janeiro, Editora Perseu Abramo, 1997.

HERMANN, Jacqueline. Canudos Destruído em Nome da República, In *Tempo*.3: 81, jun. 1996.

IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

JÚNIOR, Benjamim Abdala e ALEXANDRE, Isabel (org.). *Canudos: Palavra de Deus, Sonho da Terra*. São Paulo, Editora Senac, 1997.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A História em questão: Historiografia Brasileira Contemporânea*. Petrópolis, Editora Vozes LTDA, 1976.

LEVINE, Robert M. *O Sertão Prometido: O Massacre de Canudos*, Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1995.

LITRENTO, Oliveiros. *Canudos: Visão e Revisão*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1998.

MELLO, Frederico Pernambuco. *A Guerra Total de Canudos*. Recife, Editora Stahli, 1997.

MONIZ, Edmundo. *Canudos a Luta Pela Terra*. São Paulo, Editora Global, 1986.

MONIZ, Edmundo. Canudos: O Suicídio Literário de Vargas Llosa, In *Encontros com a Civilização Brasileira*. 3(29): 7-20, nov. 1993.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro – Revisão Historiográfica*. 3ª Edição. São Paulo, Editora Atlas, 1997.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: De Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.

RIOS, José Arthur. O Enigma de Canudos, In *Carta Mensal*, 43(513): 41-56), dez. 1997.

SALLES, Ricardo. Nação e Genocídio Social: 100 anos de Canudos, In *Proposta*, 22 (60): 5-9, mar. 1994

SIQUEIRA, Ruben. Um Brasil Chamado Canudos. In *Tempo e Presença*, vol.19 n.º 295, páginas 27-28, set./out. 1997.

VENTURA, Roberto. Cabeças Cortadas em Canudos, In *Ciências Hoje*, (11):49 nov. 1989.

VENTURA, Roberto. *Os Sertões de Euclides da Cunha*, In *Educação*, (258): 37, out. 2002.

VILLA, Marco Antônio. *Canudos: O Povo da Terra*. São Paulo, Editora Ática, 1995.

